

## O que está faltando ao Jornalismo Científico Brasileiro

03/06/2007

**Wilson da Costa Bueno\***

Se continuarmos insistindo numa análise ligeira, apoiada apenas em alguns poucos indicadores, chegaremos facilmente à conclusão de que o Jornalismo Científico brasileiro atravessa um momento singular, ou seja, ele está, como jamais em sua longa trajetória, “por cima da carniça”.

O número de publicações especializadas se multiplica a olhos vistos. A Astronomy Brasil, comandada pelo Ulisses Capozzoli; a Com Ciência Ambiental, dirigida pela Cilene Victor, dentre muitas outras, estão aí no mercado para comprovar a competência de muitos profissionais que atuam nesse campo.

Ao mesmo tempo, os cursos especializados na área se multiplicam por todo o País. O curso de especialização do Labjor/Unicamp está consolidado e um futuro mestrado na Unicamp, pelo que se pode imaginar, anda “na boca do forno”. A UMESP e a USP, particularmente a primeira, de há muito, formam mestres e doutores em Jornalismo Científico e muitos outros também vêm chegando pela excelência obtida em boa parte dos quase 30 programas de Pós-Graduação em Comunicação existentes no Brasil (menção especial ao primeiro programa específico de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina).

Devemos saudar também a aprovação pelo MEC do primeiro curso de especialização a distância em Jornalismo Científico, que vai funcionar a partir de 2007 na Univap – Universidade do Vale do Paraíba, coordenada pela competente Fabíola de Oliveira. Sem falsa modéstia, não podemos deixar de citar o curso de atualização profissional oferecido pela Comtexto Comunicação e Pesquisa, que tem reunido alunos do Brasil e do exterior.

O número de trabalhos de conclusão (TCCs) dos cursos de Jornalismo (mais de 200 no Brasil) que têm versado sobre o processo de divulgação científica, e sobre o Jornalismo Científico em particular, também tem aumentado, legitimando a adesão dos jovens profissionais às questões que nos preocupam de longa data. Esta nova realidade, obrigatoriamente, irá impactar a cobertura de ciência e tecnologia no futuro porque é assim mesmo: primeiro formam-se os profissionais, desperta-se para a temática e, depois, as pautas surgem na mídia naturalmente.

Na Internet, há um movimento positivo no sentido de fortalecer a divulgação científica, com espaços novos e destinados a públicos distintos, como é o caso do site DNA desde o começo, sob a responsabilidade da ONG O DNA vai a escola, coordenada pela geneticista Márcia Triunfol, versão portuguesa de um dos mais renomados sites de ensino de genética do mundo. Não se pode ignorar, sob pena de estar perdendo coisa muito boa, a revista ComCiência, vinculada ao Labjor/Unicamp, as revistas Pesquisa Fapesp e Ciência Hoje e mesmo o trabalho desenvolvido pela Luisa Massarani no Museu da Vida, da Fiocruz.

O Governo Federal, a Fapesp e outras fundações de amparo a pesquisa (Faperj, Fapemig etc) têm contribuído para o desenvolvimento de iniciativas de divulgação científica, certamente aumentando a massa crítica na área.

Mas nem tudo são flores, como diria o poeta e há longos e esburacados caminhos a trilha. Excetuadas as exceções anteriormente citadas e outros poucos casos de excelência na divulgação científica brasileira, aqui não mencionados por falta de espaço

ou de memória, o panorama continua pouco favorável ao jornalismo científico nos “jornalões”, no rádio e na televisão.

Poucos são os espaços efetivos (tipo cadernos, páginas ou editorias) dedicados prioritariamente à cobertura de ciência e tecnologia em nossos jornais e revistas, e há um silêncio enorme nas emissoras de rádio e televisão que, embora sejam concessões governamentais, continuam abdicando do seu compromisso de formar e informar adequadamente a opinião pública. Neste caso, em sua maioria, atendem apenas a interesses pessoais ou comerciais, especialmente a ambições de parlamentares (deputados, senadores, governadores ) que não têm qualquer compromisso com os cidadãos.

As emissoras que são propriedade de grupos religiosos também ignoram a divulgação científica, mesmo porque a ciência e a tecnologia (eles pensam assim) conflitam com as suas doutrinas. Muitas optam por continuar manipulando as consciências e assaltando os bolsos de brasileiros desavisados, desfavorecidos, entregues à própria sorte pela ineficiência das políticas públicas. Mais uma vez, aqui as exceções confirmam a regra.

O problema maior, porém, não é apenas de ordem quantitativa, ter mais ou menos espaço ou tempo nos meios de comunicação. O equívoco maior está na prática de um jornalismo científico que vive a reboque de fatos sensacionais, que não atende à sua função pedagógica e que não está comprometido com o processo de democratização do conhecimento.

O jornalismo científico, que temos por aqui, com as exceções de praxe (e não são muitas) continua pouco investigativo, refém das pautas externas e de temas muitas vezes deslocados da nossa realidade. Certamente, a falta de uma “cultura de comunicação” nas nossas principais universidades, empresas e institutos de pesquisa; e a falta de consciência dos editores e empresários da comunicação, que buscam pautas óbvias, oficiais, contribuem para isso.

A circulação de informações em ciência e tecnologia é também mais tímida do que deveria, exatamente porque a própria comunidade científica (e os órgãos que a avaliam, como a Capes) conferem pouca importância à tarefa de se comunicar com a sociedade, preferindo privilegiar a comunicação interpares, como se, no Brasil, não fosse o imposto pago pelos cidadãos, todos nós, financiadores da pesquisa em ciência e tecnologia que se faz no país.

Os meios de comunicação, além disso, estão comprometidos com as grandes corporações nacionais e multinacionais, que costumam mascarar de ciência e tecnologia ações de marketing, numa tentativa deliberada de manipulação da opinião pública, visando manter os seus privilégios e seus lucros elevados. Esse é o caso da indústria da saúde, da indústria agroquímica e mais recentemente da indústria de biotecnologia, onde se destacam empresas poluidoras (do meio ambiente e da mente) como a Monsanto, a Bayer, a Syngenta e muitas outras. Elas têm, com o apoio de suas estruturas de comunicação, efetivamente competentes, incentivado o chamado “jornalismo round-up”, transgênico, de voz única, monofonte, que presta um desserviço gigantesco à inteligência jornalística nacional.

O jornalismo científico precisa refundar-se para fugir a estas armadilhas que lhe são interpostas pelos grandes interesses, pela omissão de empresários e, infelizmente, em muitos casos, pela falta de compromisso de seus profissionais, que têm baixado a guarda e cumprido apenas burocraticamente a missão que a sociedade brasileira lhes reservou. Afinal de contas, a prática do jornalismo continua sendo privativo dos que têm diploma (isso não tem sido bom pelo menos para a saúde do jornalismo científico, mas

precisamos estar de olho no lobby dos que defendem outras alternativas) e era de se esperar que eles não jogassem no lixo esse privilégio.

O jornalismo científico precisa avançar. Libertar-se do jugo das fontes especializadas (alguns doutores de currículos Lattes definitivamente não estão identificados com o interesse público, muito pelo contrário), abrir a sua pauta, investigar, denunciar as mazelas das políticas públicas em C & T, agir com cidadania.

Não adianta lutarmos por mais tempo e espaço, se não soubermos ocupá-los adequadamente. Ciência e tecnologia são mercadorias valiosas nos tempos modernos e não podemos nos esquecer disso jamais, sob pena de, ingenuamente, fazermos o jogo do grande capital. É preciso enxergar além da notícia. É preciso perceber quais os verdadeiros interesses dos que alegam fazer ciência (como a Monsanto, Dow Química, Bayer, Merck, Novartis por exemplo), que, na verdade, só têm mesmo compromisso com os seus investidores e buscam, sofregamente, estabelecer monopólios. Precisamos estar atentos a cases dramáticos como o do agente laranja (Monsanto e Dow Química), Vioxx (Merck), BioAmazônia (Novartis) e ao cínico marketing verde de empresas como a Bayer (que mascara a sua ação nociva ao meio ambiente com a promoção de prêmios de jornalismo ambiental).

O Jornalismo Científico no Brasil precisa, parodiando as palavras de Vandana Schiva, destruir de vez as monoculturas da mente.

**\*Wilson da Costa Bueno** é jornalista, professor do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP e de Jornalismo da ECA/USP, diretor da Comtexto Comunicação e Pesquisa. Artigo publicado no portal: [www.jornalismocientifico.com.br](http://www.jornalismocientifico.com.br).